Gerenciamento da enfermeira obstétrica nas boas práticas no parto e nascimento

Rafaella França Torres[1]
Jéssica Terezinha Sudati Beque[2]
Silvana Carloto Andres[3]
Críslen Malavolta Castiglione[3]
Carla Silveira Dorneles[3]

[1]Acadêmica de enfermagem na Universidade Federal de Santa Maria- Campus Palmeira das Missões. rafaellaftorres@hotmail.com
[2]Enfermeira do Hospital da Santa Casa de Caridade de Alegrete.
[3]Enfermeira. Mestre em enfermagem.

Resumo: A Humanização do parto visa proporcionar assistência integral, com respeito a parturiente e a fisiologia do corpo e com a redução de intervenções desnecessárias. O objetivo deste estudo foi conhecer a produção científica sobre o gerenciamento da enfermeira obstétrica na utilização das boas práticas no parto e nascimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na forma de uma revisão de literatura narrativa. A busca inicial foi composta por 41 produções na base de dados Lilacs, 26 produções na base de dados Scielo e 136 produções na BVS, com recorte temporal a partir do ano de 2015. A partir do estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, o corpus desta revisão constituiu-se em um total de 19 artigos. Os resultados dos artigos foram divididos em três categorias: Atuação das enfermeiras obstétricas, boas práticas no pré e pós parto e violência obstétrica. A inserção da enfermeira obstétrica tem marcado o predomínio do cuidado humanizado na assistência ao parto e nascimento com a utilização das boas pratica, respeitando autonomia da parturiente e proporcionando o melhor conforto possível, e esta especialidade da enfermagem obstétrica está em um processo de transformação de sua prática em direção a quebra com o modelo medicalizado.

Palavras-chave: Parto humanizado; Enfermagem obstétrica; Enfermagem.

Management of obstetric nurses in good practices in childbirth and birth

Abstract: The Humanization of childbirth aims to provide comprehensive care, with respect to the parturient and the physiology of the body and the reduction of unnecessary interventions. The aim of this study was to know the scientific production on the management of obstetric nurses in the use of good practices in childbirth and birth. This is a qualitative research, in the form of a review of narrative literature. The initial search consisted of 41 productions in the Lilacs database, 26 productions in the Scielo database and 136 productions in the VHL, with timeframe from 2015. From the establishment of the inclusion and exclusion criteria, the corpus This review comprised a total of 19 articles. The results of the articles were divided into three categories: Performance of obstetric nurses, good practices before and after delivery and obstetric violence. That the insertion of obstetric nurses has marked the predominance of humanized care in delivery and birth care with the use of good practices, respecting the autonomy of the parturient and providing the best possible comfort, and this specialty of obstetric nursing is in a process. transforming his practice towards breaking with the medicalized model.

Keywords: Humanized childbirth; Obstetric nursing; Nurse.

Introdução

A assistência ao parto foi realizada durante muito tempo por mulheres, chamadas de parteiras ou assistentes de parto. Elas podiam ser amigas, mães, vizinhas ou pessoas escolhidas nas comunidades, e eram consideradas capazes de colaborar com a futura mãe em alguma tarefa relacionada ao parto. Aos poucos a medicina toma a frente do gerenciamento da saúde feminina e da reprodução, e foi surgindo as especializações e as práticas relativas ao manejo do corpo feminino. No final do século XIX, surgem, as primeiras maternidades e as parteiras diplomadas são convidadas a trabalhar sob o controle absoluto dos médicos (ACKER, 2006).

O parto e o nascimento devem ser considerados eventos que ultrapassem as questões estritamente biológicas. Para isso, precisa alcançar um novo

significado social que engloba tanto aspectos culturais e econômicos quanto valores, crenças, culturas e atitudes. Este processo não pode ser diminuído a uma ação mecânica, visto que cada mulher/família é singular e multidimensional. Requerendo dos profissionais, saberes e práticas baseadas em evidências cientificas e também em princípios humanos (PEREIRA, et al, 2018).

A humanização do parto é uma circunstância de respeito à mulher como pessoa única, em questão de cidadania, um respeito à família em formação e ao bebê, que tem direito a um nascimento saudável e harmonioso, o que exige do profissional de saúde uma prática que respeite a fisiologia do corpo e os aspectos sociais e culturais, proporcionando apoio físico e emocional à mulher e sua família (BARROS, et al, 2018).

Em 2011 o Ministério da Saúde (MS) cria a rede cegonha, que tem por finalidade a implementação de um novo modelo de atenção à saúde da mulher durante o ciclo gravídico puerperal e da criança até 24 meses de vida a fim de organizar a Rede de Atenção à Saúde Materna e Infantil, para que esta garanta acesso, acolhimento e resolutividade visando reduzir a mortalidade materna e infantil com ênfase no componente neonatal (MARTINELLI, et al, 2014). Além disso, com o objetivo de colaborar ainda mais na área da obstetrícia, principalmente no que diz respeito à humanização da assistência, o MS passa a sugerir mudanças que promovem maiores estímulos e autonomia na área da enfermagem com a implementação da assistência da enfermeira obstétrica no parto e nascimento (ALMEIDA, GAMA, BAHIANA, 2015).

A inserção da enfermeira obstétrica nos serviços de saúde promove maior autonomia e valorização do papel do enfermeiro uma vez que esse profissional possui respaldo legal para a sua atuação como especialista nesse contexto, também tem grande contribuição na qualificação da assistência obstétrica visto que tem como características a prestação do cuidado humanizado e menos intervencionista (AMARAL, et al, 2019). A Enfermeira Obstétrica no trabalho de parto incentiva a participação ativa das mulheres oferecendo estimulo e encorajamento durante toda evolução, auxiliando a superar o medo da dor e promovendo o seu papel de protagonista na cena do parto, de acordo com um dos princípios do paradigma humanizado de assistência (RAMOS, et al, 2018).

O profissional enfermeiro, se destaca pelo uso e inserção das boas práticas que visam um processo de desconstrução do modelo tecnológico com

assistência baseada em evidências científicas (AMARAL, et al, 2019). Em 1996, a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolveu a classificação das práticas comuns recomendadas na condução do parto normal. Esta diretriz atualizada em 2018, destaca a importância de otimizar a experiência de trabalho e parto para mulheres e seus bebês através de uma abordagem holística baseada nos direitos humanos (BRASIL, 2018).

Essas práticas, precisam ser trabalhadas tanto no pré-natal no preparo da gestante para o parto e nascimento, por meio da comunicação e incentivo, como durante o processo de parto com apoio verbal e não verbal, orientações de respiração adequada, exercícios de relaxamento muscular, e garantia da presença do acompanhante. Estes métodos podem ser aplicados de forma combinada ou isolada, contribuindo para o alívio da dor e minimizando a necessidade de intervenções farmacológicas durante o trabalho de parto (CUNHA, RIBEIRO, MENDES, 2017).

Ressalta-se o papel relevante que ocupa na assistência o enfermeiro, tanto no cenário dos centros obstétricos e maternidades como nas demais unidades de cuidado, emprega ferramentas gerenciais que são capazes de amparar a organização, planejamento, coordenação, delegação ou prestação dos cuidados, supervisão, previsão e provisão de recursos, capacitação da equipe, desenvolvimento de medidas educativas com a família, interação com outros profissionais, além de ocupar espaços de articulação e negociação, permitindo a implementação de melhorias do cuidado. Com isso, na assistência obstétrica, esse profissional pode gerenciar o cuidado de modo a simplificar a assistência ofertada à parturiente, ao bebê e aos familiares, uma vez que possui capacidade e competência técnica e científica para coordenar os serviços de saúde, principalmente os de enfermagem (COPELLI, et al, 2017).

Considera-se importante conhecer como a enfermeira obstétrica vem utilizando a gerência para a inserção das boas práticas no cenário do parto e nascimento, uma vez que essas são importantes para a qualificação do cuidado nesse momento. Este estudo além de possibilitar o conhecimento acerca da temática, pode contribuir para que esses profissionais compreendam a sua capacidade e a importância do seu papel na modificação da assistência obstétrica. Somado a essas questões a saúde da mulher é elencada como

prioridade de pesquisa no Brasil (BRASIL, 2015), o que justifica a realização dessa pesquisa.

Frente ao mencionado anteriormente, este estudo tem como objetivo: Conhecer a produção científica sobre o gerenciamento da enfermeira obstétrica na utilização das boas práticas no parto e nascimento.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na forma de uma revisão de literatura narrativa, em razão de que a mesma possibilita efetuar busca e análise com a finalidade de encontrar resultados sobre o tema estudado. Esta forma de busca apresenta uma dimensão de utilização de todo material encontrado nas fontes designadas e é um método descrito como apropriado para utilização em trabalhos de conclusão de cursos (MATTOS, 2015).

A coleta de dados foi realizada no período de agosto a outubro de 2019.

Este estudo possui como banco de dados: LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, SCIELO- A Scientific Electronic Library Online e BVS- Biblioteca Virtual em Saúde.

Para coleta de dados, foi realizada uma busca nas fontes selecionadas, acerca da temática estudada. A estratégia utilizou como busca com os descritores em ciência da saúde, parto humanizado and enfermagem obstétrica.

Os critérios de inclusão: artigos originais, e manuais do ministério da saúde, disponíveis na integra, gratuitos e online, com idioma português, inglês e espanhol, publicados a partir do ano de 2015. Justifica-se o recorte temporal em razão da implementação da resolução do COFEN Nº 0478/2015, a qual normatiza a atuação e a responsabilidade civil do Enfermeiro Obstetra e Obstetriz nos Centros de Parto Normal e/ou Casas de Parto e dá outras providências, pois trouxe mais espaço e autonomia para atuação da enfermeira obstétrica nos serviços de saúde

Serão excluídos os estudos que não responderem à questão de pesquisa e os que não estão disponíveis. O material selecionado será organizado em um instrumento de fluxograma (FIGURA 1), contendo informações conforme os critérios de inclusão e exclusão.

A busca inicial foi composta por 41 produções na base de dados Lilacs, 26 produções na base de dados Scielo e 136 produções na Bvs. A partir do

estabelecido dos critérios de inclusão e exclusão, o desenvolvimento desta revisão constituiu-se em um total de 19 artigos, conforme figura 1.

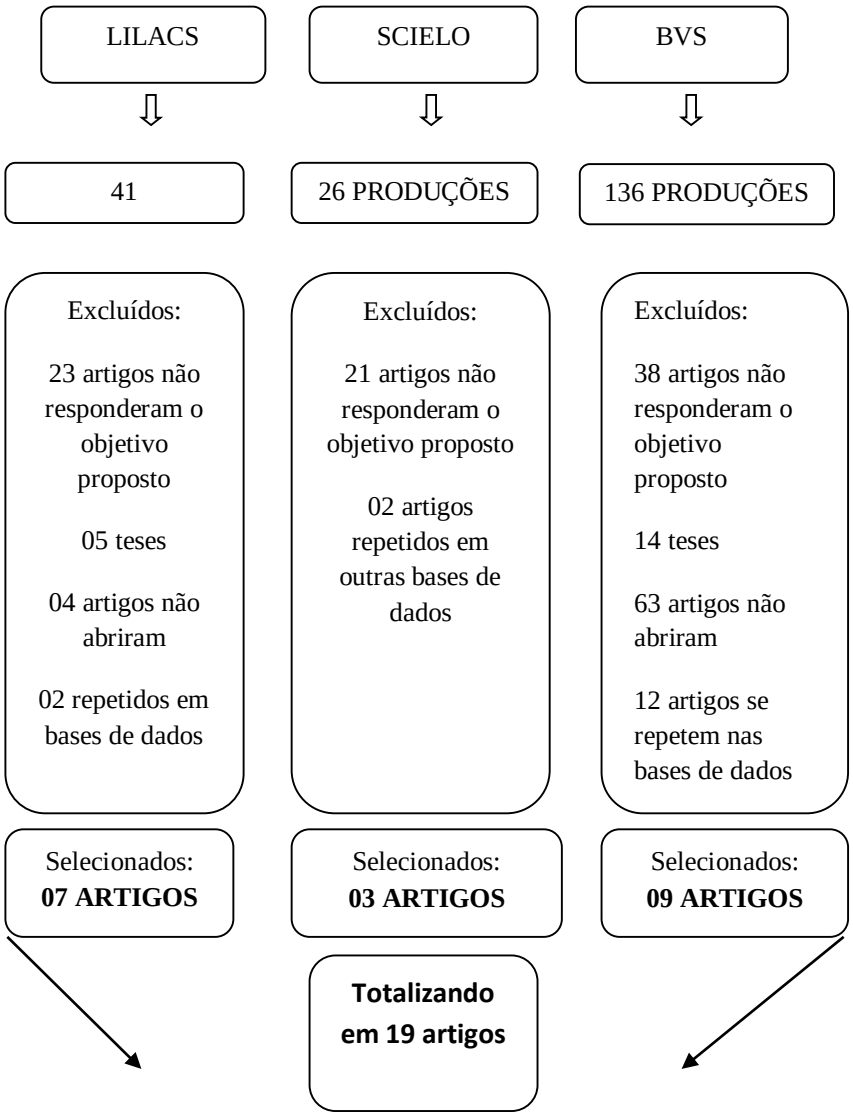


Figura 1- fluxograma elaborado pelas autoras a partir dos critérios de inclusão e exclusão.

Resultados e discussões

Dentre os estudos selecionados para análise observaram-se variações quanto ao ano de publicação, seguido de anos sequenciais, dois publicados no ano de 2015, três no ano de 2016, oito em 2017, dois em 2018 e três no ano de 2019. Quanto aos idiomas, todos são em português e realizado no Brasil. Em

relação à metodologia, identificou-se que as maiorias dos estudos apresentaram de abordagem quantitativa e minoria de abordagem qualitativa.

A seguir apresentam-se os dados organizados em categorias temáticas, destaca-se que tais categorias proporcionaram entendimento do trabalho gerencial da enfermeira obstétrica nas boas práticas no parto e nascimento. Destaca-se que a partir dos resultados emergiram três categorias: atuação das enfermeiras obstétricas; boas práticas no pré e pós parto; e, violência obstétrica, as quais contemplam e corrobam com o tema em estudo.

Categorias:

Atuação das enfermeiras obstétricas: Esta categoria refere-se quanto à importância de enfermeiras obstetras durante o processo de parturição, profissionais estes que se destacam cada vez mais mostrando seu valor e suas vantagens no auxilio as parturientes que desejam um parto natural sem intervenções na qual o cuidado da enfermeira obstétrica durante o parto e o nascimento permite o exercício da autonomia e do protagonismo feminino, fazendo que a parturiente seja ativa e conduza seu parto, posto que a assistência dessa profissional traz conforto, segurança e respeitando os sentimentos da parturiente e de seus familiares.

Humanizar o parto significa deixar a mulher no centro e no controle como sujeito de suas ações, contribuindo nas decisões sobre o seu próprio cuidado. Desta forma, a equipe atua como facilitadora do processo (ANDRADE, et al, 2017).

O cuidado da enfermeira obstetra proporciona o empoderamento da mulher na vivência da parturição na qual essa profissional é imprescindível para a humanização, qualificação da assistência obstétrica e assim a satisfação da mulher frente desse processo (ALVARES, et al, 2018).

Observa-se que a receptividade realizada e as orientações fornecidas são consideradas pelas enfermeiras como meios para a humanização do parto. Percebe-se que, essas ações são fundamentais no cuidado oferecido, não somente para a mulher como também para a família, o acolhimento compreende um momento favorável para que a equipe de saúde possa demonstrar atenção, interesse e disponibilidade, procurando conhecer e compreender as expectativas da parturiente, esclarecendo e explicando suas dúvidas a respeito da gestação e do parto (POSSATI, et al, 2017).

A satisfação no trabalho de parto é influenciada pela percepção do acolhimento e apoio dos profissionais de saúde, que amenizam a ansiedade vivida pela mulher durante todo o processo de parturição. As mulheres que se sentem sozinhas e que são atendidas por uma equipe que não lhes oferece a devida atenção e cuidado têm maior probabilidade de possuir percepções negativas do parto (ALVARES, et al, 2018).

A humanização ocorre a partir do momento em que os profissionais de saúde, respondem aos problemas da paciente de acordo com a sua necessidade de saúde, possibilitando assim opções de escolhas (ANDRADE, et al, 2017). Sendo comprovado que na grande parte dos partos assistidos por enfermeiras obstétricas, ocorrem menos intervenções desnecessárias, visto que utilizam tecnologias não invasivas com boas práticas relacionadas à humanização (INAGAKI, et al, 2019).

As enfermeiras obstétricas com seu trabalho têm contribuído, nos últimos anos, para diminuir o número de intervenções rotineiras que influenciam no processo fisiológico do parto e nascimento. Ao atuar desta maneira, oportuniza com que a parturiente se sinta mais segura, confiante, ativa e participativa no seu processo de parturição durante o período de passagem pelo centro obstétrico (REIS, et al, 2016).

Para a equipe de Enfermagem, em maior parte, a presença do acompanhante também se caracteriza como um cuidado essencial, posto que a equipe reconhece que seu apoio transmite a mulher à sensação de tranquilidade, confiança e segurança (FREIRE, et al, 2017).

A enfermeira obstétrica, por compreender e pensar sobre o parto numa perspectiva desmedicalizada, discute com a mulher, compartilha, busca uma relação de parceria, respeita e fortalece a mulher durante o trabalho de parto e parto ajudando no enfrentamento da dor fisiológica no parto, além de prestar uma assistência de qualidade. É fundamental que o profissional de saúde respeite a bagagem cultural trazida pela gestante, procurando apoiar e esclarecer seus medos, dúvidas e anseios, sem desqualificar suas crenças a respeito das vias de parto (VARGENS, SILVA, PROGIANTI, 2017).

A prática de cuidados da enfermeira obstétrica tem otimizado o desempenho de um exercício profissional pautado em boas práticas em obstetrícia, que priorizam o avanço de competências técnicas baseadas em

evidências recomendadas pela OMS em detrimento de uma atenção tecnicista, que não envolva as demandas físicas, emocionais e sociais das mulheres no processo parturitivo (DUARTE, et al, 2019).

O significado que parturientes atribuem ao processo de parir assistido por enfermeiras obstetras, identificam que esta profissional é mais sensível e fortalece uma relação de afinidade com a mulher, pois reflete segurança e autoconfiança, proporcionando autonomia à parturiente, mostra-se mais receptiva e disponível para fornecer orientações e apoio físico e emocional, além de promover cuidados que estimulam o vínculo entre mãe e filho (FREIRE, et al, 2017).

A atuação ativa da enfermeira obstetra é um ponto em comum nos sistemas de saúde dos países que apresentam melhores indicadores de assistência ao parto e nascimento (SANTANA, 2019).

Boas práticas no pré e pós parto: Esta categoria refere-se quanto as ações dos enfermeiros e profissionais da saúde relacionadas às boas práticas realizadas quanto a procedimentos e métodos para amenizar a dor da parturiente durante o trabalho de parto, para o melhor atendimento e conforto, proporcionando bem estar da melhor maneira possível.

Os procedimentos não farmacológicos referem-se de práticas de baixo custo que podem ser facilmente ofertadas pelos serviços de saúde, sendo que apresentam grande resultado na qualidade da assistência, principalmente por substituírem, na medida do possível, o uso de medicações anestésicas e analgésicas (MEDEIROS, et al, 2016).

Dentre elas temos a liberdade de posições no trabalho de parto, com todos os benefícios das posições verticalizadas para a mulher e para o feto, a posição litotômica ou semissentada prevalece na maioria das vezes, quando comparadas as posições vertical, que são considerados aspectos significativos, dentre eles, a diminuição da sensação dolorosa intensa e cansaço da mulher, a redução do período expulsivo, episiotomia e intervenções obstétricas (REIS, et al, 2015).

As terapias não farmacológicas para o alívio da dor, como deambulação, massagens, técnicas de relaxamento, bola suíça, cavalinho ativo, são práticas que colaboram para redução da medicalização e de intervenções, duração do

trabalho de parto, contribuindo para sua evolução favorecendo para humanização no assistir à parturiente (CUNHA, et al, 2017).

O banho de imersão/aspersão reduz a ansiedade e alivia a dor no trabalho de parto, proporcionando o relaxamento. O banho quente estimula os termorreceptores da epiderme, alcançando o sistema nervoso central e bloqueando a percepção da dor. O calor da água aumenta a circulação sanguínea, diminuindo o estresse provocado pelas contrações (LEHUGEUR, STRAPASSON, FRONZA, 2017).

A bola suíça ou bola de pilates é um meio utilizado para favorecer o processo de parturição e garantir uma posição de melhor conforto. É um instrumento lúdico, podendo contribuir na distração da parturiente, tornando o trabalho de parto mais calmo e tranquilo. Esse recurso pode ser junto de outras técnicas, como a massagem, o banho e através de alongamentos pélvicos, entre outros (LEHUGEUR, STRAPASSON, FRONZA, 2017).

Quanto à massagem de conforto ela atua reduzindo os níveis de stress e ansiedade causados pela dor, possibilitando também a participação ativa do acompanhante, melhorando a satisfação para ambos. A presença do acompanhante faz parte das ações que devem ser estimuladas, essa prática deve estar inserida nas rotinas das instituições, atendendo à Lei 11.108/2005, que determina as instituições a autorizar a presença de um acompanhante junto à parturiente (LIMA, et al, 2018).

O clampeamento tardio do cordão umbilical, de acordo com a OMS, é uma forte recomendação para todos os nascimentos, devendo ser realizado cerca de entre um e três minutos após o nascimento, iniciando concomitantemente os primeiros cuidados ao recém-nascido (DUARTE, et al, 2019).

O contato pele a pele entre mãe e recém-nascido é essencial para que ocorra o fortalecimento do vínculo afetivo e o estímulo do aleitamento materno na primeira hora de vida foram instituídas como uma das diretrizes para a organização da atenção integral e humanizada (LIMA, et al, 2018).

A aromaterapia é uma prática complementar não medicalizada, que usa os sentidos do toque e do cheiro, cada vez mais estão sendo utilizados, os óleos essenciais com aromas delicados e estão trazendo efeitos importantes na percepção da dor, na ansiedade das parturientes e, consequentemente, na

duração das fases do processo de parturição, quando a escolha bem aplicada inspira um toque de sensibilidade e sabores (DUARTE, et al, 2019).

Dessa forma, uma das mais importantes tarefas dos profissionais da saúde, de cuidados à mulher durante o trabalho de parto é proporcionar condições para amenizar à dor e ao desconforto. No entanto, a equipe de saúde pode trabalhar visando à redução dos fatores que aumentam as dores e utilizar os fatores que as aliviam (HANUM, et al, 2017).

Violência obstétrica: O tema abordado nesta categoria relaciona as questões de violência obstétrica com os métodos invasivos e medidas não farmacológicas com intervenções durante o trabalho de parto para acelerar o parto, as quais podem por ter desvantagens, aumentando a dor e desconforto da parturiente, não respeitando a autonomia da mesma.

A predominância das puérperas que não recebem orientações durante todo o acompanhamento gestacional aponta a dificuldade de comunicação existente nos serviços de saúde, seja por falta de interesse ou de confiabilidade devido à deficiência de estímulo e mais divulgação e comunicação quanto à eficácia dos métodos não farmacológicos de alívio da dor (ALMEIDA, ACOSTA, PINHAL, 2015).

A permanência na posição horizontal que ainda é bastante indicada, reduz a efetividade das contrações uterinas, tendo em vista que, acontece a compressão de grandes vasos sanguíneos pelo útero o que prejudica as trocas gasosas entre mãe e feto. De outro modo também contribui para uma maior duração do parto, levando várias vezes a intervenções obstétricas que causam dor e desconforto (ANDRADE, RODRIGUES, SILVA, 2017).

Ainda que a posição litotômica não é a melhor opção para a mulher, ainda é muito utilizada nas maternidades e com a institucionalização do parto frequentemente, as mulheres são admitidas e em seguida, orientadas a utilizarem a posição dorsal, pois facilita a intervenção obstétrica (LEHUGEUR, STRAPASSON, FRONZA, 2017).

A dor no parto é muitas vezes, provocada por normas e rotinas, como o uso excessivo de ocitocinas, manobra de Kristeller, episiotomia e a episiorrafia, dentre outros procedimentos, que são bastante referidas como práticas desumanizadas na atenção ao parto (ANDRADE, et al, 2017).

A utilização da manobra de Kristeller usada geralmente em situações como sofrimento fetal, falta de progresso do parto e exaustão materna, essa manobra oferece riscos potenciais que devem ser considerados. Essa conduta desnecessária, além da exposição aos riscos, causa à parturiente o desconforto da dor durante a sua realização (SOUSA, et al, 2016).

O uso da ocitocina, que ainda é frequentemente utilizada para acelerar o trabalho de parto, na qual as vezes é realizada junto da amniotomia precoce que é denominada de manejo ativo do trabalho de parto. As evidências apresentam que a amniotomia precoce de rotina não proporciona benefícios maternos, associada ou não à ocitocina, não sendo indicada sua realização de rotina para as mulheres cujo trabalho de parto apresenta avanço normal (POSSATI, et al, 2017).

O enema de rotina também ainda é uma prática comum em muitas maternidades, sendo seu uso justificado para diminuir o tempo do trabalho de parto e a própria contaminação da região perineal. Mas, a literatura indica que não há evidência científica sobre sua efetividade, que confirmou a realização deste procedimento não contribui para a redução da infecção puerperal e neonatal. Em relação à tricotomia, outra prática comum nos serviços, a qual é realizada com a justificativa de diminuir a infecção e simplificar a técnica de sutura, quando preciso da episiotomia ou em caso de laceração. Sendo assim, é possível perceber e observar que algumas práticas e procedimentos intervencionistas não são recomendados ou aconselhados e muito menos possuem base científica para que sejam utilizados nas instituições (POSSATI, et al, 2017).

A prescrição de dieta zero também é considerada uma conduta inconveniente pela Organização Mundial da Saúde e ainda predominante nas maternidades brasileiras, o jejum prolongado acarreta em malefícios maternos e fetais decorrentes a cetoacidose, desidratação, hiponatremia e hipoglicemia (GUIDA, et al, 2017).

Conclusão

Ao buscar e analisar a produção na literatura científica sobre o gerenciamento das enfermeiras obstétricas quanto as boas práticas usadas nas

maternidades constataram-se que a inserção da enfermeira obstétrica tem determinado o predomínio de um cuidado humanizado na assistência ao parto.

Foram consideradas as práticas no modelo humanizado, como o direito a acompanhante, a liberdade de posição, o uso de métodos não farmacológicos para o alivio da dor, das posições verticais, da presença do acompanhante de escolha da mulher, o uso de massagens, bola suíça e de banho morno que qualifica e caracteriza o cuidado prestado e valoriza o trabalho desenvolvido pelas enfermeiras obstétricas, além de diminuir a utilização de práticas intervencionistas.

Embora também estimulada pela OMS e pelo MS, foi dada menos importância à oferta de dieta oral durante o trabalho de parto e outras práticas baseadas no modelo tecnocrático foram reveladas, a realização de amniotomia, o uso de ocitocina no trabalho de parto, a utilização da manobra de Kristeller e a posição deitada no momento do parto que são práticas desnecessárias não fazendo parte do processo natural de parturição.

As enfermeiras obstétricas estão em um andamento de transformação de sua prática em direção a quebra com o modelo medicalizado e uma atuação não muito intervencionista sabe que é necessária a ponderação da enfermeira obstétrica para que a transformação no cenário hospitalar de atenção ao parto permaneça contínua e procure novos caminhos associados ao conhecimento técnico-científico e ao cuidado humanizado.

Referências

ACKER, J.I.B.V, et al. As parteiras e o cuidado com o nascimento. **Revista Brasileira Enfermagem,** v.59, n.5, p. 647-51, 2006 Acesso em: 05 maio 2019 Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2670/267019619010.pdf

ALMEIDA, O.S.C, GAMA, E.R, BAHIANA, P.M. Humanização do parto -a atuação dos enfermeiros**. Revista Enfermagem Contemporânea**. v.4, n.1, p.79-90, 2015. Acesso em: 05 maio de 2019
Disponível em:
https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/456

AMARAL, R.C.S, et al. A enfermagem obstétrica e sua interface com o modelo obstétrico brasileiro. **Revista enfermagem atual in derme**.p.87, 2019. Acesso em: 05 maio de 2019
Disponível em:
https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/224

ANDRADE, L. O, et al. Práticas dos profissionais de enfermagem diante do parto humanizado. **Revista enfermagem UFPE on line,** Recife, Vol. 11, N. 6, Pag. 76-85, jun, 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em:
https://www.google.com/search?q=PR%C3%81TICAS+DOS+PROFISSIONAIS+DE+ENFERMAGEM+DIANTE+DO+PARTO+HUMANIZADO&oq=PR%C3%81TICAS+DOS+PROFISSIONAIS+DE+ENFERMAGEM+DIANTE+DO+PARTO+HUMANIZADO&aqs=chrome..69i57.705j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

ANDRADE, L. F. B.; RODRIGUES, Q. P.; SILVA, R. C. V. Boas Práticas na atenção obstétrica e sua interface com a humanização da assistência. **Revista enfermagem UERJ,** Rio de Janeiro, Vol. 25, Pag. 26/42, 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em:
https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/26442/25893

ALVARES, A. S. et al. Práticas humanizadas da enfermeira obstétrica: contribuições no bem-estar materno. **Revista Brasileira Enfermagem***,* Vol.71, N. 6, Pag. 76-83, 2018. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em : http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s6/pt_0034-7167-reben-71-s6-2620.pdf

ALMEIDA, J. M.; ACOSTA, L. G.; PINHA, M. G. Conhecimento das puérperas com relação aos métodos não farmacológicos de alívio da dor do parto. **Revista Min Enfermagem.** Vol. 19, N.3, Pag. 711/717, jul/set 2015. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v19n3/v19n3a14.pdf

BARROS, T.C.X. et al. Assistência à mulher para a humanização do parto e nascimento. **Revista enfermagem UFPE**, v. 12, n.2, p.554-8, 2018. Acesso em: 05 maio de 2019
Disponível em :
https://www.google.com/search?q=Assist%C3%AAncia+%C3%A0+mulher+para+a+humaniza%C3%A7%C3%A3o+do+parto+e+nascimento.&oq=Assist%C3%AAncia+%C3%A0+mulher+para+a+humaniza%C3%A7%C3%A3o+do+parto+e+nascimento.&aqs=chrome..69i57.779j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Recomendaciones de la OMS Para los cuidados durante el parto, para una experiencia de parto positiva. Brasília, 2018. Acesso em: 05 maio de 2019

Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272435/WHO-RHR-18.12-spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y

COPELLI, F.H.S. et al. Gerência do cuidado e governança de enfermagem em uma maternidade: teoria fundamentada. **Revista Brasileira Enfermagem**, v70, n.6, P.1347-53, 2017. Acesso em: 05 maio de 2019

Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n6/pt_0034-7167-reben-70-06-1277.pdf
COFEN. Resolução 0478/2015. Brasilia, 2015 Acesso em: 05 maio de 2019

Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-04782015_30969.html
CUNHA, M.W. N, RIBEIRO, B.V. S, MENDE, R.B. Boas práticas para alívio da dor em parturientes numa maternidade de risco habitual. **Revista Internation alnursing congress**, p.9-12, 2017. Acesso em: 27 junho de 2019
Disponível em: https://eventos.set.edu.br/index.php/cie/article/view/5499/2097

CUNHA, I. C. B. C, et al. Caracterização da rede obstétrica nos serviços de saúde**. Revista enfermagem UFPE on line**, Recife, Vol. 11, N.6, Pag.23/9, jun, 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em:
https://www.google.com/search?q=CARACTERIZA%C3%87%C3%83O+DA+REDE+OBST%C3%89TRICA+NOS+SERVI%C3%87OS+DE+SA%C3%9ADE&oq=CARACTERIZA%C3%87%C3%83O+DA+REDE+OBST%C3%89TRICA+NOS+SERVI%C3%87OS+DE+SA%C3%9ADE&aqs=chrome..69i57.691j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

DUARTE, M. R, et al. Tecnologias do cuidado na enfermagem obstétrica: contribuição para o parto e nascimento. **Revista Cogitare enfermagem**. Vol.24, Pag. 54 164, 2019. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/54164/pdf

FREIRE, H. S. S. et al. Parto normal assistido por enfermeira: experiência e satisfação de puérperas***. Revista enfermagem UFPE on line.,*** Recife, Vol.11, N.6, Pag. 23/67, jun, 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em :
https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/23398/19057

GUIDA, N. F. B, et al. Conformidade das práticas assistenciais de enfermagem com as recomendações técnicas para o parto normal. **Revista Rene**. Vol. 18, N.4, Pag. 543/50, jul/ago 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/20286/30818

HANUM, S. T. et al. Estratégias não farmacológicas para o alívio da dor no trabalho de parto: efetividade sob a ótica da parturiente. **Revista enfermagem UFPE on line**, Recife, Vol.11, N.8, Pag.33, ago, 2017. Acesso em: 15 de agosto de 2019
Disponível em:
https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/110197/22089

INAGAKI, A. D. M, et al. Retrato das práticas obstétricas em uma maternidade pública. **Revista Cogitare enfermagem**. Vol. 24, Pag. 56 121, 2019. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/56121/pdf

LIMA, S. B. G, et al. Práticas obstétricas de uma maternidade pública em rio branco AC *. **Revista Cogitare Enfermagem**. Vol. 23, N. 4, Pag. 53 258, 2018. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/53258/pdf

LEHUGEUR, D.; STRAPASSON, M.R.; FRONZA, E. Manejo não farmacológico de alívio da dor em partos assistidos por enfermeira obstétrica. **Revista enfermagem UFPE on line,** Recife, Vol.11, N.12,Pag. 29/37, 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em:
https://www.google.com/search?q=Manejo+n%C3%A3o+farmacol%C3%B3gico+de+al%C3%ADvio+da+dor+em+partos+assistidos+por+enfermeira+obst%C3%A9trica.&oq=Manejo+n%C3%A3o+farmacol%C3%B3gico+de+al%C3%ADvio+da+dor+em+partos+assistidos+por+enfermeira+obst%C3%A9trica.&aqs=chrome..69i57.650j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

MATTOS, P.C. **Tipos de Revisão de Literatura.** Botucatu, 2015. Acesso em : 05 maio de 2019
Disponível em: https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf

MARTINELLI, K.G. et al. Adequação do processo da assistência pré-natal segundo os critérios do Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento e Rede Cegonha. **Revista Brasileira Ginecologia Obstetrícia**, v.36,n. 2, p.56-64, 2014.
Acesso em: 27 junho de 2019
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v36n2/0100-7203-rbgo-36-02-00056.pdf

MEDEIROS, R. M.K. et al. Cuidados humanizados: a inserção de enfermeiras obstétricas em um hospital de ensino. **Revista Brasileira Enfermagem**. Vol.69, N.6, Pag. 1091-8, Nov/dez 2016. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n6/0034-7167-reben-69-06-1091.pdf

RAMOS, W.M.A. et al. Contribuição da enfermeira obstétrica nas boas práticas da assistência ao parto e nascimento. **Revista fundam. care.** V. 10, n.1, p. 173-179, 2018.

PEREIRA, S. B, et al. Boas práticas de atenção ao parto e ao nascimento na perspectiva de profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**. V.71, n. 3, p.1393-9, 2018. Acesso em: 27 junho de 2019
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s3/pt_0034-7167-reben-71-s3-1313.pdf

POSSATI, A. B. et al. Humanização do parto: significados e percepções de enfermeiras. **Escola Anna Nery**, Vol. 21, N.4, 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0366.pdf

RAMOS, W.M.A. et al. Contribuição da enfermeira obstétrica nas boas práticas da assistência ao parto e nascimento**. Revista fundam***. care*. V. 10, n.1, p. 173-179, 2018.
Disponível em:
http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6019/pdf_1

REIS, C. S. C, et al. Análise de partos acompanhados por enfermeiras obstétricas na perspectiva da humanização do parto e nascimento. **Revista fundam. c***are. online* Vol. 8, N.4,Pag. 4972/4979, out/dez 2016. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em :
http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3966/pdf_1

REIS, T. R. et al. Enfermagem obstétrica: contribuições às metas dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. **Revista Gaúcha Enfermagem. Vol**. 36, pag. 94/101, 2015. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36nspe/0102-6933-rgenf-36-spe-0094.pdf

SANTANA, A. T. et al. Atuação de enfermeiras residentes em obstetrícia na assistência ao parto. **Revista Brasileira Saúde Mater Infan,** Recife,Vol. 19, N.1,Pag. 145/155, jan/mar, 2019. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v19n1/pt_1519-3829-rbsmi-19-01-0135.pdf

SOUSA, A. M. M, et al. Práticas na assistência ao parto em maternidades com inserção de enfermeiras obstétricas, em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Esc Anna Nery.** Vol. 20, n. 2, pag. 324/331, 2016. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em : http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n2/1414-8145-ean-20-02-0324.pdf

VARGENS, O. M. C.; SILVA, A. C.V.; PROGIANT, J. M. Contribuição de enfermeiras obstétricas para consolidação do parto humanizado em maternidades no Rio de Janeiro-Brasil. **Escola Anna Nery,** Vol.21, N.1, Pag.201 715, 2017. Acesso em: 15 agosto de 2019
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n1/1414-8145-ean-21-01-e20170015.pdf